

ANO XXVI Nº 287
julho / 2022

25 ANOS



Revista Rural

A revista do setor

RNEWS



Não deixe a

MASTITITE

levar todo o seu
lucro embora



O sucesso da melancia amarela

Esta não é a primeira
vez que você lembra
primeiro da Syngenta.

Por mais um ano, nossas
constantes inovações na
proteção dos cultivos
alcançaram resultados máximos.

Com o apoio dos produtores,
em 2022 conquistamos
as premiações:

RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

ATENÇÃO ESTE PRODUTO É PERIGOSO À SAÚDE HUMANA, ANIMAL
E AO MEIO AMBIENTE; USO AGRÍCOLA; VENDA SOB
RECEITUÁRIO AGRONÔMICO; CONSULTE SEMPRE UM AGRÔNOMO;
INFORME-SE E REALIZE O MANEJO INTEGRADO DE PRAGAS; DESCARTE
CORRETAMENTE AS EMBALAGENS E OS RESTOS DOS PRODUTOS; LEIA
ATENTAMENTE E SIGA AS INSTRUÇÕES CONTIDAS NO RÓTULO, NA BULA E
NA RECEITA; E UTILIZE OS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL.



Top of mind



Inseticidas: ★
ENGEO PLENO® S

Fungicidas: ★
ELATUS™

Nematicidas: ★
AVICTA® COMPLETO

Tratamento de Sementes: ★
FORTENZA® DUO

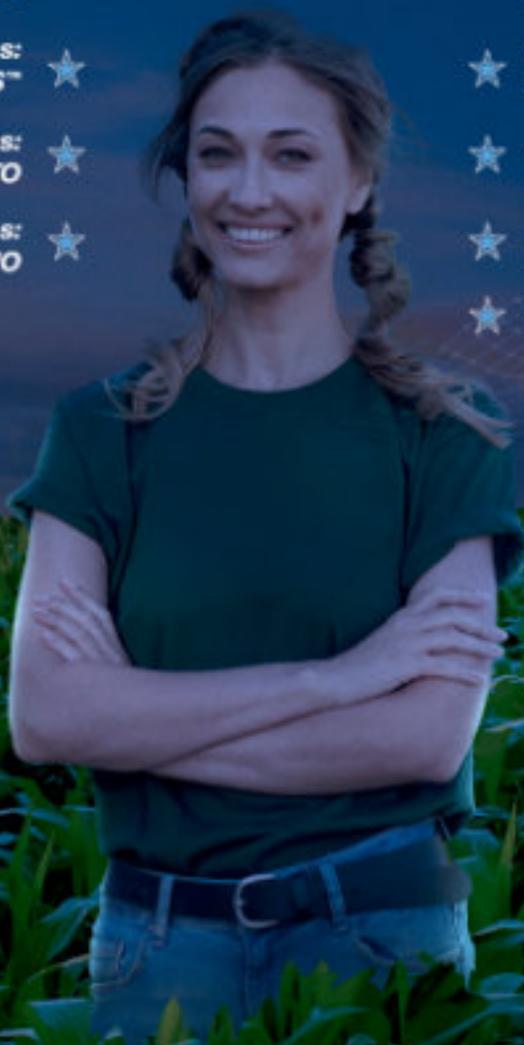
★ **AÇÕES DE MARKETING**

★ **CONTEÚDO AUDIOVISUAL**

★ **CRIATIVIDADE**

★ **PESQUISA**

★ **WEBSITE**



*Acesse e conheça
todas as nossas
Inovações.*



portalsyngenta.com.br



[syngentabrasil](#)



[syngentabrasil](#)

syngenta



Revista Rural
celebra 25 anos
de sucesso,
durante a
Festa do
Top of Mind 2022

25



Mandioca rosada,
desenvolvida pela Embrapa,
é mais saborosa e de
fácil plantio

43



Padronização
garante o sucesso
da lavoura de
pepino industrial

64

Revista Rural é uma publicação mensal da Criação Assessoria Comunicação e Comércio Ltda Rua Coriolano 1642 Torre 1 cj 22 - Vila Romana - São Paulo/SP - CEP 05047-001 - PABX 11 3022-4260
● **Diretor de Redação:** Flávio Albim (flavio@revistarural.com.br) ● **Diretor Administrativo:** Vitor Albim (vitor.albim@revistarural.com.br) ● **Diretora Comercial:** Ana Carolina Domingues Albim (carol@revistarural.com.br) ● **Edição digital:** disponível gratuitamente na Apple Appstore, Google Play e Amazon ou leia a edição online em www.revistarural.com.br. ● **Siga Revista Rural no Facebook, Instagram e Linked In.** ● **Programa Revista Rural:** Exibido aos domingos às 8:30 da manhã, na TV Climatempo Bio (Cabo: ClaroTV 251, VivoTV 38 e 45, VivoTV Fibra 589. Satélite: Sky 170, OiTV 189, VivoTV 87, NossaTV 47) e na TV Milagro Brasil (Parabólica Digital: StarOne 3644,10 MHz), com representações diárias. Também disponível no StreamPlayer da Amazon Fire Stick e no app SoulTV, para Android e IOS. ● **TV Revista Rural:** Assista nosso conteúdo em youtube.com/tvrevistarural. ● **Portal de Notícias:** Fique por dentro de tudo o que acontece diariamente no agronegócio acessando www.revistarural.com.br.

ANO XXVI • Nº 287
julho/2022



Revista
Rural



PRODUTORES NÃO PRECISAM MAIS INFORMAR VALIDADE DE VEGETAIS FRESCOS EMBALADOS

Foi publicada a Portaria nº 458 que dispensa a obrigatoriedade da indicação do prazo de validade em vegetais frescos embalados. A norma altera a Instrução Normativa nº 69/2018 e entra em conformidade com a Resolução RDC nº 259/2002 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) que já previa a dispensa dessa informação.

O secretário de Defesa Agropecuária do Mapa, José Guilherme Leal, explica que a medida é importante no combate ao desperdício de alimentos, pois anualmente toneladas de frutas são perdidas no Brasil em razão da expiração do prazo de validade, sem que, no entanto, estejam impróprias para o consumo.

“A validade afixada nas embalagens não guardava relação com a qualidade do produto, uma vez que o próprio consumidor é capaz de observar se um produto hortícola está apto ou não ao consumo apenas pelo aspecto visual”, disse

Leal. Ao comprar vegetais frescos, o consumidor consegue identificar se estão podres, murchos ou com odor, ou seja, se não estão bons para consumo.

Até a publicação desta Portaria, os produtos com prazo de validade vencido tinham que ser descartados, não poderiam ser destinados a outros fins, como doação. Os comerciantes eram autuados pelos órgãos de defesa do consumidor quando encontravam nos estabelecimentos produtos embalados com prazo de validade expirado. Assim, muitas frutas como, por exemplo, uvas embaladas, tinham que ser destruídas, mesmo estando em condições adequadas para o consumo.

Agora, pela regra atual, os produtores de frutas não necessitam mais aportar a data de validade nas embalagens. Porém, os estabelecimentos comerciais continuam sendo obrigados a vender apenas hortifrútis que atendam aos requisitos mínimos de identidade e qualidade.

Surpreenda-se com os novos extrapesados Volkswagen.



NOVOS GIGANTES VW

Acesse nosso QR code
ou www.vwco.com.br
e saiba mais.



 Volkswagen Caminhões e Ônibus
 Volkswagen Caminhões e Ônibus
 @vwcaminhoes



100%
Conectado



Caminhões
Ônibus



ENTENDA COMO A ALIMENTAÇÃO IMPACTA NA FASE DE CRECHE DOS SUÍNOS

“**A** fase de creche dos suínos é uma das mais complexas e importantes no processo produtivo da suinocultura, visto que as atividades realizadas nesse período se refletirão diretamente na qualidade dos animais que chegam à terminação para atingir o peso ideal para abate”, afirma Maria Bessa, zootecnista da Auster.

suínos são desmamados entre 21 e 28 dias de vida, pesando de 5 a 8 kg, em média. Nesse período, estão sujeitos a vários fatores estressantes: eles se separam das mães, deixam a dieta exclusiva de leite materno – passam a se alimentar de ração à base de cereais – e seguem para um novo ambiente.

De acordo com a zootecnista, nessa fase, o desenvolvimento do trato gastrointestinal dos leitões ainda não está completo. A função digestiva não ocorre de forma eficaz por conta da insuficiência na ativação da pepsina e proliferação de micro organismos que necessitam de dietas que mantenham o pH baixo, sejam palatáveis e altamente digestíveis. “Com a brusca mudança na natureza da dieta, ocorre o encurtamento das vilosidades intes-

tinais e o aprofundamento das criptas que levam à diminuição da secreção de enzimas fundamentais para a absorção de nutrientes dos animais”, explica.

A profissional destaca que utilizar alimentos com baixa capacidade tampoadora é fundamental, pois o pH se manterá baixo e ajudará na digestão dos alimentos. “Deve-se buscar uma dieta que atenda as exigências nutricionais dos leitões e fornecer ração com frequência e em pequenas quantidades”, afirma. “É importante inserir alimentos de alta palatabilidade, digestibilidade, com baixa antigenicidade e alta concentração de nutrientes como alternativa para estimular o apetite, reduzir o aparecimento de distúrbios digestivos e otimizar a ingestão de alimentos pelos leitões”, finaliza. Bessa esclarece que tomar os devidos cuidados e oferecer boa introdução alimentar que auxilie nesse desenvolvimento intestinal reduz os impactos causados pelo desmame precoce e, com isso, ameniza os efeitos de queda de consumo e consequentes diarreias, que podem interferir negativamente na qualidade e no desempenho dos animais.

AGRICULTOR DE VALOR

TEM NOME LIMPO

EM TODOS OS CAMPOS.

PARA PRODUZIR LEGAL,
NÃO USE PRODUTO ILEGAL.

A venda e o uso de mercadorias não certificadas afetam toda a cadeia do agronegócio. Elas não possuem aprovação nem autorização dos órgãos reguladores (MAPA, IBAMA e Anvisa) e também não têm garantia.

Utilizar produtos ilegais é crime.

Trabalhe apenas com insumos originais e faça crescer a semente da legalidade.



Posicione a câmera
do seu celular
para o QRCode
e denuncie!

CropLife
BRASIL 



Mais “brasileira” impossível

Melancia de polpa amarela agrada público consumidor
e surge como uma boa opção de cultivo

Texto: Roanna Kerbe • Fotos: Reprodução



Com polpa vermelha, casca verde e muitas sementes, a melancia é considerada por muitos brasileiros como a “cara do verão” por seu potencial de hidratação. E apesar de já se destacar por ser um dos maiores produtores da fruta no mundo, o Brasil segue investindo em novidades que atraem a atenção dos consumidores como é o caso da variedade que possui a polpa amarela, um tamanho menor e ausência de sementes.

Mesmo possuindo aspectos diferentes da melancia tradicional, esta variedade exige os mesmos cuidados em questão de manejo. Não há um solo específico para a plantação, mas os solos mais leves e com melhor drenagem favorecem a cul-

tura. O cultivo pode ser feito o ano todo, sendo preferível evitar períodos de baixa temperatura. Segundo Rafael Zamboni que é especialista em Cucurbitáceas da Agristar, a melancia é cultivada em regiões mais tropicais com temperatura entre a mínima e a máxima variando de 14 °C até 35 °C. Então, o ideal é ter uma média que fique entre 25 °C e 26 °C, porque geralmente todas as cucurbitáceas, como é o caso da melancia, sofrem muito com o frio e temperaturas baixas acabam interferindo no desenvolvimento da planta.

Além da temperatura adequada, a planta necessita de irrigações que atendam uma das suas principais características: a generosa presença de



água. “Por terem aproximadamente 92% de água na composição, ela realmente é uma fruta que precisa de muita irrigação, então o ideal é fazer essa irrigação conforme a necessidade da planta. Isso no dia a dia o produtor acaba percebendo e se adaptando”, destaca o especialista.

Vale lembrar que irrigação apropriada não é irrigação em excesso, pois a quantidade exagerada pode resultar em rachaduras no fruto e ao invés de saborosa, a melancia ficará sem gosto.

Para garantir a sanidade durante todas as fases da produção é necessário investir em prevenção para evitar distúrbios fisiológicos e a presença de agentes que atrapalham o desenvolvimento da planta, como: os fungos, as bactérias e os nematoides, principalmente em função das condições climáticas demasiadamente altas ou baixas.

“O ideal é entrar com medidas preventivas na questão de controle dos insetos que transmitem viroses ou até mesmo um fungicida para prevenir possíveis doenças fúngicas, ou bactérias.

RAFAEL ZAMBONI,
ESPECIALISTA EM
CURBITÁCEAS DA
AGRISTAR:
“POR TEREM
APROXIMADAMENTE
92% DE ÁGUA NA
COMPOSIÇÃO, A
MELANCIA É UMA
FRUTA QUE PRECISA
DE MUITA IRRIGAÇÃO,
ENTÃO O IDEAL É
FAZER ESSA
IRRIGAÇÃO
CONFORME A
NECESSIDADE DA
PLANTA. ISSO NO DIA
A DIA O PRODUTOR
ACABA PERCEBENDO
E SE ADAPTANDO”.

A variedade não se difere apenas em aparência. Além de possuir um formato mais arredondado, ela também tem mais fibras e um sabor mais adocicado.

Esse é o melhor a fazer se pensando em prevenir e não em remediar”, orienta Rafael.

Curiosidade garante a demanda

Comum em países da Europa e nos Estados Unidos, a introdução da melancia de polpa amarela no Brasil é recente e tem despertado o desejo do público. A espécie chama atenção por ser considerada novidade, mas embora já existisse na natureza, ela passou por melho-

mentos genéticos para apresentar características diferentes.

A variedade não se difere apenas em aparência, além de ser mais arredondada, ela também possui mais fibras e sabor mais adocicado. Ela é crocante, não possui sementes e oferece uma gama de benefícios para a saúde do consumidor.

Sua diferença em pigmentação se explica pela concentração de nutrientes. Enquanto a fruta vermelha é rica em licopeno, a amarela possui alta concentração de caroteno, substância também encontrada em abóboras e cenouras, por exemplo.

A novidade também tem valor agregado e retorno mais rápido aos produtores. Enquanto o ciclo das melancias convencionais varia de 80 a 110 dias, a variedade de polpa amarela possui um período mais breve, variando de 60 a 70 dias.



QUANDO A INFECÇÃO APARECE, **ACURA® NELES!**

- ✓ Fácil manejo
(dose única:
antibiótico +
anti-inflamatório)
- ✓ 4 anos
de validade





Prejuízo anunciado

Produtor leiteiro tem que estar atento aos sinais do rebanho para evitar casos de mastite clínica.

Texto: Bruno Zanholo • Fotos: Davi Canto





Aquela velha história do “eu só acredito vendo” se aplica inteiramente quando o assunto é a mastite clínica, e por isso o diagnóstico precoce ajuda o produtor a fazer o controle e tratamento mais assertivo. Como forma de ajudá-lo nessa missão, as tecnologias disponíveis no mercado se tornam opções bastante interessantes.

“Essa é a doença que mais causa prejuízo ao produtor de leite. Tem que ser tratada com antibiótico, além de causar o descarte do leite, causando assim, danos consideráveis”, diz Eduardo Pinheiro, diretor técnico da On-Farm. Segundo ele, em média, cerca de 10% das vacas em lactação tem mastite clínica todo mês, então em um rebanho de

100 animais, dez apresentarão a doença. “É um índice alto, a meta mundial é de 3% ou menos. Jogamos leite fora por conta desse elevado índice mensal”.

A perda dos litros de leite é considerado o principal dano e o mais perceptível já que o pecuarista faz investimentos na produção, e na hora da venda tem que jogar o alimento fora. “Há outros prejuízos, como por exemplo, a redução da produção de leite da vaca por toda lactação, o que é algo difícil de mensurar, mas, sabemos que o impacto é enorme”, declara.

Diagnóstico na ordenha

Para diagnosticar a mastite clínica o produtor deve realizar



o famoso “teste da caneca” durante a ordenha, que nada mais é do que retirar os primeiros jatos de leite antes do serviço para ver se ele está alterado ou não.

Na Fazenda Rio Doce, localizada em São José do Rio Pardo, interior de São Paulo, a rotina de ordenha conta primeiramente com a desinfecção dos tetos para tirar o excesso de sujeira. Depois é feito o teste da caneca e na sequência o pré-DIP novamente, para que se possa trabalhar no teto mais limpo. “Isso é feito em cinco vacas em sequência, depois o funcionário volta enxugando e colocando uma teteira por vaca para fazer a ordenha”, conta o técnico.

A Rio Doce trabalha com gado Holandês em sua maioria, além de vacas Girolando, e Pinheiro explica que o trabalho acontece de cinco em cinco por ser o tempo ideal para se fazer o teste, voltar e colocar a teteira num intervalo de dois minutos. “Dessa forma aproveitamos a oxitocina natural liberada, o que melhora a injeção do leite, velocidade de ordenha e o conforto para o animal”.

“TENDO PERCEBIDO A MASTITE EM UM ANIMAL, O FUNCIONÁRIO FAZ A COLETA DO LEITE PARA CULTIVO BIOLÓGICO E ENCUBA ESSA AMOSTRA PARA DECIDIR QUAL SERÁ O DESTINO DA VACA, SE ELA VAI RECEBER OU NÃO TRATAMENTO E QUAL SERÁ ELE”, DECLARA EDUARDO PINHEIRO, DIRETOR TÉCNICO DA ONFARM.



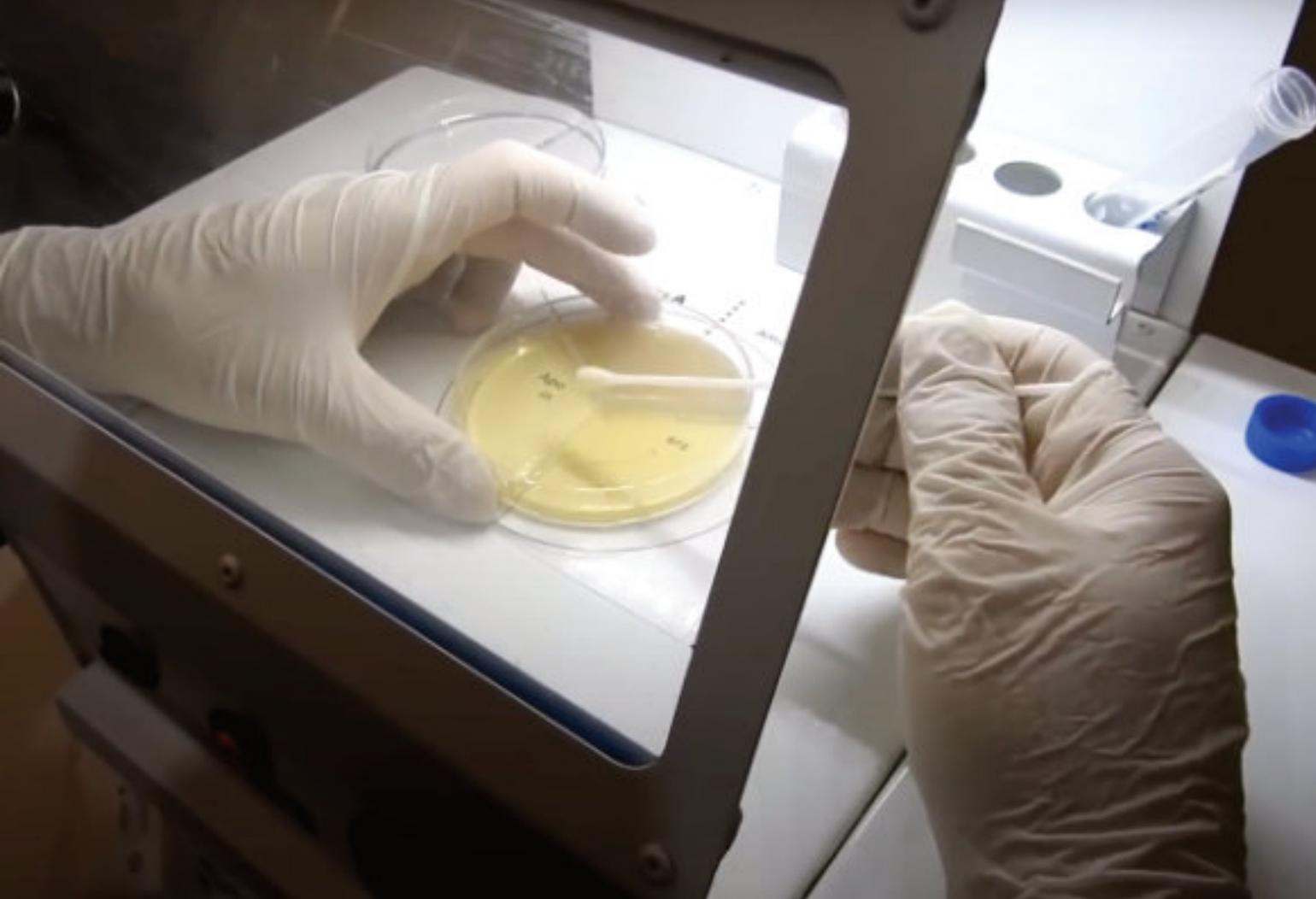
Em média, cerca de 10% das vacas em lactação tem mastite clínica todo mês, então em um rebanho de 100 animais, dez apresentarão a doença. A meta mundial é reduzir para 3% do rebanho.

Uma doença democrática

Para a mastite, as raças do rebanho pouco importam. O que as bactérias causadoras da doença procuram são vacas de alta produção, além de indivíduos que tenham uberes mais frouxos. Por isso, a detecção de animais doentes na hora da ordenha é fundamental para os produtores.

“Tendo percebido a mastite em um animal, o funcionário

faz a coleta do leite para cultivo biológico e encuba essa amostra para decidir qual vai ser o destino da vaca, se ela vai receber ou não tratamento e qual será ele”. De fácil observação, o teto inflamado e doente espirrará grumos na caneca, e é aí que o diagnóstico acontece. “Para a coleta é necessário desinfetar o teto e com um tubo estéril fazer a cultura microbiológica através de um jato contí-



nuo. Daí o produtor deve levar para o laboratório para dar sequência ao tratamento”, diz Pinheiro.

Tecnologia de decisão

Com o sistema OnFarm presente na fazenda, a amostra é levada para uma sala limpa, é ali que a coleta realizada tem sequência. “Após entrar aqui onde fica o aparelho vamos até uma geladeira e pegamos uma placa de Petri para começar o trabalho com os meios de cultivo”. É este o local onde a bactéria crescerá, e Pinheiro diz que utiliza três opções. “Brincamos que são três tipos de comidas diferentes para a bac-

téria, e as usamos para pegar a maior gama possível causadora da mastite”, declara.

Com o máximo de higiene possível, o leite é homogenizado e passado na placa. Depois, com uma espécie de cotonete, o líquido tem seu excesso tirado para dar continuidade a análise. Após o lançamento dos dados da placa no aplicativo da OnFarm e a encubação do meio de cultura, o produtor tem que esperar 24 horas para obter os resultados das amostras.

“Passado esse tempo, dentro do próprio app ele tira uma foto da placa encubada e espera a inteligência artificial dar o diagnóstico oficial com o nome do agente causador, chance de cura e também qual o tipo de



Dois pontos principais na prevenção são o conforto e a higienização do ambiente em que as vacas ficam, quanto menos elas sujarem a ponta do teto, menor o risco de mastite.

tratamento que o veterinário deve dar a partir dali”.

Manejar para evitar

Mesmo com o alto índice de presença no rebanho, existem métodos sanitários e de manejo que podem diminuir ou até mesmo evitar a incidência da mastite clínica nas fazendas. “Os dois pontos principais são conforto e higienização no ambiente em que as vacas ficam, quanto menos elas sujarem a

ponta do teto, menor o risco de mastite”, diz Pinheiro.

O diretor técnico reforça que manter a rotina de ordenha, sempre limpando ao máximo os animais antes da colocação das teteiras também é uma aliada do pecuarista. “O segredo é o teto estar limpo e seco, e isso pode ser além da ordenha, seja num composto ou a pasto, deixar as vacas em um local mais higiênico possível ajudará o produtor a ter menos dor de cabeça”.

A marca de suplementos nutricionais mais querida dos produtores. E dos animais, também.



A Tortuga®, uma marca DSM, é “Top do Top” do agronegócio. Afinal, é eleita Top of Mind Rural na categoria Sal Mineral consecutivamente, desde a primeira pesquisa, tornando-se a campeã absoluta nos 25 anos da premiação. Tal fato foi alcançado porque os produtos Tortuga® geram resultados para os produtores e colaboram para a saúde, o bem-estar e o desempenho dos animais.



Entre em contato com nossa equipe e saiba mais.
0800 110 6262 | www.tortuga.com.br

[f /tortugadsm](https://www.facebook.com/tortugadsm) [@tortuga.dsm](https://www.instagram.com/@tortuga.dsm) [v /TortugaDSM](https://www.youtube.com/channel/UC...)

ANIMAL NUTRITION AND HEALTH



topdotop

KEPLER WEBER

Business Board

to|

topdotop

DSM TORTUGA

Business Board



25 ANOS

Um quarto de século

Além da entrega dos troféus Top of Mind e Top Brands Quality, a festa realizada pela Revista Rural marcou as comemorações pelo aniversário da publicação.

Rural
25 ANOS



FLÁVIO ALBIM, DIRETOR DE REDAÇÃO DA REVISTA RURAL: “A ESSÊNCIA DO TRABALHO NUNCA MUDOU. A REVISTA CONTINUA LEVANDO CONTEÚDO TÉCNICO PARA AJUDAR O PRODUTOR A TOCAR O NEGÓCIO DELE E AUMENTAR A PRODUTIVIDADE”.

A cerimônia de entrega dos troféus Top of Mind e Top Brands Quality, finalmente, voltou ao formato presencial em 2022, após um intervalo de dois anos. A euforia dos anfitriões e dos parceiros participantes, porém, não foi apenas por essa razão. O evento deste ano marcou a celebração dos 25 anos de existência da Revista Rural, que, nascida como uma publicação impressa, hoje é muito mais do que isso, sendo uma geradora de conteúdo técnico e informativo, multiplataforma, levando conhecimento ao homem do campo de várias maneiras, e com muita eficiência.

Reunindo, mais uma vez, a nata do marketing brasileiro, a festa aconteceu no badalado restaurante Vasto, em São Paulo, e contou, como sempre, com um clima bem alegre, música ao vivo, comida e bebida de qualidade.

História de mudanças e sucesso

Olhando para trás, os diretores da Revista Rural constataam o quanto o mercado evoluiu e como foi



fundamental a adaptação constante do veículo para chegar até aqui. "O mercado mudou muito. A gente começou esse projeto há duas décadas e meia com uma maneira de se comunicar completamente diferente da atual. O mais importante é que a proposta, a essência do trabalho nunca mudou. A revista continua levando conteúdo técnico para ajudar o produtor a tocar o negócio dele e aumentar a produtividade", afirma o diretor de redação Flávio Albim.

"O que fizemos foi agregar mais desafios e compromissos ao longo destes anos, como, por exemplo, mostrar o que é o agronegócio para a opinião pública em geral", conta, afirmando que o setor tem sido alvo de muita desinformação. "Temos o dever e promover a importância do agro e o que ele representa, não só para o Brasil, mas para o mundo inteiro, matando a fome de muita gente".

Albim ratifica ainda o grande alcance do programa de TV, que, rompendo barreiras, é exibido hoje também para o Oriente Médio e todo o norte da África, mostrando para importantes mercados

ANA CAROLINA DOMINGUES ALBIM, DIRETORA COMERCIAL DA REVISTA RURAL: "NESSES 25 ANOS, A GENTE JÁ VIU DE TUDO. VIMOS OUTRAS REVISTAS NASCEREM, MORREREM, PROFISSIONAIS ENTRANDO E SAINDO DESSE SEGMENTO, E A GENTE CONTINUA AQUI, FIRMES E CHEIOS DE PLANOS".



Entre erros e acertos, o balanço dos diretores da revista é positivo, e aponta para um futuro ainda mais promissor para o projeto.

consumidores que o agronegócio brasileiro é produtivo, é moderno, é tecnológico e, o mais importante, é sustentável e preservacionista.

Uma longa trajetória

Para a diretora comercial da empresa, Ana Carolina Domingues Albim, a revista foi uma testemunha da história do agro brasileiro. “Chegar até aqui é motivo de muito orgulho. Nesses 25 anos, a gente já viu de tudo. Vimos outras revistas nascerem,

morrerem, profissionais entrando e saindo desse segmento, e a gente continua aqui, passando momentos bons e ruins, mas sempre empenhados em cumprir a nossa vocação de informar o produtor”, conta a diretora, atribuindo o sucesso do projeto à forma como os gestores da publicação sempre fizeram a leitura do mercado. “Sempre procuramos entender o que o mercado quer e o que vai querer lá na frente, e ainda, o que a gente pode fazer de diferente para se destacar e nunca ficar para trás”, explica.



A CORAGEM NOS TROUXE ATÉ AQUI. O RECONHECIMENTO NOS MOTIVA A IR ALÉM.

Quantas coisas mudaram nos últimos 50 anos?

Territórios pouco conhecidos se tornaram potências econômicas.

Pesquisas revolucionaram a forma de produzir alimentos.

A tecnologia elevou os índices de produtividade a patamares que, décadas atrás, eram inimagináveis.

Em 50 anos, muita coisa mudou e temos imenso orgulho de trilhar, junto a vocês, produtores, o caminho da evolução do agronegócio.

É para vocês e com vocês que trabalhamos para ir além.

Muito obrigado pela confiança e por escolherem a Pioneer como marca de sementes no prêmio Top of Mind da Revista Rural.



Escaneie
o QR Code
e visite
nosso site.





ENGE
Inseticidas
Barbara Lobo - Syngenta



IVOMEC
Vermífugos
Roulber Silva - Boehringer Ingelheim



FIPROTAG
Brincos
Antônio Coutinho - Vetoquinol



ELATUS
Fungicidas
Melissa Cavallari - Syngenta



EQVALAN
Vermífugos para Equinos
Stephany Delfino - Boehringer



YARA
Fertilizantes
Lucied Marques



MATSUDA
ILPF
André Tadao Tshako



BRANCO
Motobombas
Juliano Silva

TEM MUITA HISTÓRIA POR TRÁS DESSAS MÁQUINAS

São **mais de 70 anos** fazendo história no agronegócio mundial, trabalhando duro para atender cada necessidade dos homens e mulheres que cultivamos alimentos e matérias-primas que **movem o nosso país!**

Por causa disso, a **Jacto** é reconhecida por juntar a **tradição** do campo com a **inovação** da **tecnologia de ponta**.

DESCUBRA A QUALIDADE DIFERENCIADA DOS NOSSOS **SERVIÇOS, EQUIPAMENTOS, MÁQUINAS E PEÇAS ORIGINAIS** E COMECE UM NOVO CAPÍTULO NA SUA LAVOURA!



NOVOS
TEMPOS,
NOVAS
SOLUÇÕES.



Topofmind



AFTOBOV

Vacinas para Aftosa

Roulber Silva - Boehringer Ingelheim



VOLKSWAGEN

Caminhões

Maurício Bueno



FORTENZA DUO

Tratamento de Sementes

Wesley Nascimento - Syngenta



COIMMA

Balanças

Daniela Dansieri Almeida Prado



BELGO

Arame

Amanda Dione Silva



EQUITRO

Vitamina para Equinos

Antônio Coutinho - Vetoquinol



BOVELA

Vacinas contra BVD

Stephany Delfino - Boehringer



PIONEER

Sementes

Fernanda Brito - Corteva

Branco

BRANCO TOP OF MIND *CATEGORIA MOTOBOMBAS*

A Branco é a marca mais lembrada na categoria de motobombas pelos consumidores do Agro, pesquisa feita pela Revista Rural.

Esse reconhecimento é resultado do nosso **foco na qualidade** e reforça o compromisso da marca em **prover produtos e soluções eficientes**.

Aos nossos consumidores e parceiros, muito obrigado!



Conheça mais em
www.branco.com.br





topdotop



AVICTA
Nematicidas
Lyiha Fernanda - Syngenta



TORTUGA
Sal Mineral
Sérgio Schuler - DSM



CRV LAGOA
Inseminação Artificial
Eduardo Anechine



MASSEY FERGUSON
Tratores
Alexandre Stuchi - AGCO



MATSUDA
Sementes para Pastagem
Helena Keiko Matsuda



BRADERCO
Banco Privado
Roberto França

**NESTA FOTO ESTÁ O SONHO DE TODO
AGRICULTOR! E AO LADO, UM MUSTANG AZUL...**



Nos orgulhamos em receber mais uma vez o Top Of Mind da Revista Rural, e também o prêmio Top dos Tops, concedido aos ganhadores de todas as edições. Trabalhamos há mais de **97 anos** para realizar sonhos.



Quer saber mais?

Aponte a câmera do seu celular, faça a leitura do QRCode e acesse nosso site para mais informações.

KEPLERWEBER

kepler.com.br

keplerweber





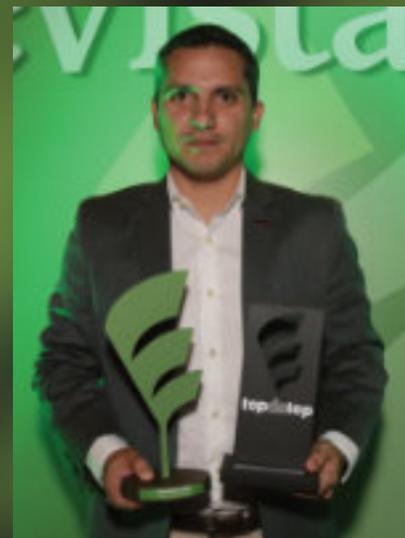
topdotop



KEPLER WEBER
Armazenagem
Luis Felipe Leidens



COIMMA
Troncos
Eduardo Pereira



CASE IH
Colhedoras de Cana
Rodrigo Alandia



JACTO
Pulverizadores
Wanderson Tosta



CORTEVA
Defensivos para Pastagem
José Frugis



ROUNDUP
Herbicidas
Luciano Jaloto - Bayer



UM RECONHECIMENTO QUE NOS DÁ FORÇA, RAÇA E FÉ PARA CONTINUAR TRABALHANDO PELO FUTURO DA PECUÁRIA.

A Linha Pastagem, da Corteva Agriscience, há 25 anos é reconhecida como a marca de defensivos agrícolas mais lembrada pelos pecuaristas.

Reforçamos que para aumentar a produtividade do rebanho, o manejo do pasto é fundamental. Por isso, a Linha Pastagem possui soluções tecnológicas para uma pastagem rentável e sustentável.

Afinal, a natureza é a nossa força. A pecuária, a nossa raça. E alimentar o mundo, a nossa fé.

#PastagemÉCorteva



ATENÇÃO

PRODUTO PERIGOSO À SAÚDE HUMANA, ANIMAL E AO MEIO AMBIENTE; USO AGRÍCOLA; VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO; CONSULTE SEMPRE UM AGRÔNOMO; INFORME-SE E REALIZE O MANEJO INTEGRADO DE PRAGAS; DESCARTE CORRETAMENTE AS EMBALAGENS E OS RESTOS DOS PRODUTOS; LEIA ATENTAMENTE E SIGA AS INSTRUÇÕES CONTIDAS NO RÓTULO, NA BULA E NA RECEITA; E UTILIZE OS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL.

topbrands quality



BIOGÊNESIS BAGÓ

Comunicação e Proximidade
com o cliente
Pedro Hespanha



PHIBRO

Produtos Inovadores
Camila Ferraz



BRASESCO

Solidez
Roberto França



CASE IH

Tecnologia
Leandro Conde



DSM

Parceira do cliente e Pós Venda
Juliano Sabella



MASSEY FERGUSON

Tradição e Credibilidade
Alexandre Stucchi - AGCO

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL NO BRASIL É CRV, 25 VEZES CONSECUTIVAS!

50
ANOS / CRV BRASIL

Há 25 anos, a Revista Rural concede este prêmio aos melhores. E há 25 anos, a CRV conquista esse reconhecimento na categoria **inseminação artificial**.



Trabalhamos com o que amamos! Um rebanho melhor traz uma vida melhor para nossos clientes, parceiros, colaboradores e para todos os consumidores de carne e leite do mundo.

O segredo da CRV para ser invicta nessa premiação é ser uma empresa de produtores rurais para produtores rurais e colocar o coração e todo seu conhecimento na busca por mais saúde e eficiência.

Receber esse reconhecimento dos nossos clientes é uma honra e deixa todos nós, da família CRV, ainda mais motivados.



CRV
BETTER COWS > BETTER LIFE

Topofmind

CRV4ALL.COM.BR

16 3797.1500 | 16 99790.2326



topbrands quality



MATSUDA

Simpatia e Comunicação Corporativa
Lucy Sammi



SYNGENTA

Pesquisa, Criatividade, Website,
Ações de Marketing e Conteúdo Audiovisual
Renata Moya



VETOQUINOL

Portfólio de Produtos
Antônio Coutinho



CRV

Ações em Redes Sociais
Rudi Den Hartog



PIONEER / CORTEVA

Confiabilidade
Fernanda Brito



JACTO

Inovação
Wanderson Tosta

Mais uma vez,
Vetoquinol
recebe três premiações!







A cor do sucesso

Novas variedades de mandioca, entre elas uma rosada, apresentam melhor tempo de cocção, mais sabor e nutrientes, além de um manejo mais simples.

Texto: Roanna Kerbe • Fotos: Reprodução



Com fácil adaptação e prático manejo, a mandioca pode ser cultivada em todas as regiões brasileiras. Conhecida também por macaxeira, aipim e pão da terra, a mandioca é matéria-prima de diversos produtos, mas é amplamente requisitada na culinária. No Brasil, o segundo maior produtor de mandioca no mundo, a profissionalização e investimento dos produtores são incentivados pelo alto valor agregado e pela alta viabilidade de lucro.

Quando nos remetemos ao Cerrado, logo identificamos o recanto de uma infinidade de culturas e tradições. Não é à toa que o bioma é intitulado de savana mais rica do mundo por

sua diversidade biológica, também sendo considerado o segundo maior bioma da América do Sul.

Devido às características típicas do solo, estudos científicos criaram tecnologias para favorecer o crescimento da produtividade agrícola de forma sustentável. A exemplo disso, a Embrapa desenvolveu a mandioca rosada, variedade que vem garantindo rentabilidade para os produtores da região.

Comparada com as convencionais, essa mandioca se difere com a presença de carotenoides, que são pigmentos nutricionalmente benéficos, como o licopeno, um importante antioxidante. Entretanto, para tornar rentável o cultivo da varie-



dade, a Embrapa Cerrados precisou realizar estudos através dos bancos de genoplasmas de mandioca, aonde contém as coleções de cultivares de todo o Brasil.

“Fomos estudar esses materiais e vimos que eles não reuniam, no caso das condições do cerrado, as características agronômicas mínimas para o cultivo, ou seja, precisavam apresentar uma produtividade de raízes de moderada a alta, mas esses materiais produziam no máximo de seis a oito toneladas por raízes em hectare/ano. Ademais, na região, é fundamental que as cultivares apresentem resistência a bacteriose e esses acessos não tinham, além de não manifestarem características culinárias interessantes como sabor e baixo tempo para cozimento”, explica Eduardo Alano Vieira, Pesquisador da Embrapa Cerrados.

Para ser comercializada, é fundamental que mandioca de mesa tenha um rápido cozimento, por isso o desafio da entidade foi realizar o melhoramento genético e incorporar as caracte-

EDUARDO ALANO VIEIRA, PESQUISADOR DA EMBRAPA CERRADOS: “SEMPRE FRISAMOS QUE SE NÃO FOR UTILIZADA TODA A TECNOLOGIA QUE ESTÁ DISPONÍVEL PARA O CULTIVO DE MANDIOCA E NÃO MANTER A CULTURA NO LIMPO, QUE É O MÍNIMO QUE A GENTE PENSA PARA EVITAR A COMPETIÇÃO, ELA CHEGARÁ A PRODUIR APENAS DE 11 A 15 TONELADAS/HECTARE”.



rísticas adequadas ao material sem perder o aspecto rosado. O êxito do melhoramento genético resultou em duas cultivares nomeadas de BRS 400 e BRS 401, com média produtiva de 29 toneladas/hectare, podendo chegar a picos de 46 e 60 toneladas/hectare, dependendo do manejo.

“Sempre frisamos que se não for utilizada toda a tecnologia que está disponível para o cultivo de mandioca e não manter a cultura no limpo, que é o mínimo que a gente pensa para evitar a competição, ela chegará a produzir apenas de 11 a 15 toneladas/hectare”, alerta o pesquisador.

Além de serem providas de potencial produtivo, qualidades culinárias e resistência a bacteriose, as variedades não precisam de

manejos diferenciados já que respondem a melhoria do ambiente. A partir destas melhorias é viável a sucessão de culturas dentro do manejo e o investimento em adubação garantirá melhores resultados na cultura. Irrigações adequadas também possibilitam a plantação o ano inteiro e o escalonamento de plantios e colheitas.

Na hora de investir, seguir as orientações da entidade assegura autenticidade do produto e segurança ao negócio. Para auxiliar no manejo, a Embrapa Cerrados tem uma série de publicações disponíveis no site. Já a obtenção de material genético para o cultivo deve ser feita por meio de licenciados da Embrapa, também disponível na página da empresa.



INSCRIÇÕES ABERTAS

Local: Transamérica Expo Center
www.eventosandav.com.br

Realização



Organização



O doce sabor do lucro

Criação de abelhas sem
ferrão é boa opção para
quem quer mexer com
apicultura no Brasil

Texto: Bruno Zanholo • Fotos: Reprodução







Sem a utilização de algum equipamento de proteção individual (EPI) e andando tranquilamente entre as colmeias. É assim que funciona uma criação de abelhas sem ferrão, mercado que tem crescido e se mostra uma opção viável para os meliponicultores. “Quando falamos sobre abelhas a primeira imagem que vem a cabeça é aquela listrada amarela e preta que ferroa. E, na verdade as pessoas não imaginam que temos uma diversidade delas ao redor do mundo”, diz Cristiano Menezes, pesquisador da Embrapa Meio Ambiente. Segundo ele, existem mais de 20 mil espécies diferentes no Planeta, e no Brasil só duas mil são conhecidas. “Des-

sas, cerca de 250 não possuem ferrão”.

As espécies podem ser criadas para diversas finalidades, a principal é a produção de mel, mas também há quem utilize para a polinização na agricultura, e até mesmo como hobby. “Somos referência em produção de conhecimento científico e criação dessas abelhas, além de termos diversidade já que em ambientes tropicais as espécies são endêmicas, ou seja, estão espalhadas pelo território nacional”, comenta. A Uruçu Negra, por exemplo, aparece apenas na região montanhosa do Espírito Santo, já a Bugia ocorre na área litorânea e na Mata Atlântica do Sudeste e Sul.



Captura: o início

São poucas as espécies que ocorrem no Brasil inteiro, e a partir da escolha por parte do criador, considerado o primeiro passo no processo, é hora de montar as armadilhas para as abelhas. Para adquirir as colmeias o produtor tem duas alternativas, sendo a primeira realizar a instalação de ninhos, que nada mais são do que recipientes para capturar os enxames que vão se reproduzir através da natureza. “Com uma garrafa PET vedada para não entrar a luz do sol espalhamos os recipientes e colocamos um própolis de abelha sem ferrão dentro para atraí-las pelo cheiro”, diz o pesquisador. Com isso, durante o período reprodutivo, as colmeias que estão distribuídas nesse ambiente se reproduzirão dentro da armadilha formando uma nova rainha e um grupo de operários.

A segunda opção é a aquisição de colmeias através de meliponicultores que cultivam, multiplicam e vendem as abelhas filhas para quem

“PEQUENOS ESPAÇOS COMPORTAM GRANDES QUANTIDADES DE COLMEIAS, BASTA O PRODUTOR ESCOLHER A QUE MELHOR SE ADEQUÁ A ESPÉCIE QUE SERÁ CRIADA”, DIZ CRISTIANO MENEZES, PESQUISADOR DA EMBRAPA MEIO AMBIENTE.



Existem mais de 20 mil espécies de abelhas diferentes no Planeta, e no Brasil só são duas mil são conhecidas. Dessas, cerca de 250 não possuem ferrão.

está começando a criação. “Recomendamos que as pessoas até adquirirem mais experiência com o manejo e biologia, comecem de uma forma mais simples e menor, por isso as armadilhas são uma boa escolha”.

Após a captura, é hora do produtor transferir o ninho para dentro de uma caixa, que também será o local da criação. “Durante a noite, quando elas estiverem ali dentro, fechamos a colmeia com uma tela de mos-

quiteiro e as levamos para o local definitivo”, diz. Aqui, segundo o especialista, o principal cuidado é não deixar o ambiente exposto ao sol. “Elas são vulneráveis ao calor excessivo, então é importante um local sombreado, principalmente debaixo de árvores”.

As caixas

A escolha das estruturas dá flexibilidade a criação, e há até





A escolha das estruturas dá flexibilidade a criação e há até mesmo quem crie na varanda de casa como hobby, ou na produção de mel para consumo próprio.

mesmo quem crie na varanda de casa como lazer, ou na produção de mel para consumo próprio. Já se o objetivo for comercial através da produção do alimento ou venda de colônias, é necessário uma estrutura um pouco maior. “É possível confinar as colônias uma ao lado da outra. Então pequenos espaços comportam grandes quantidades de colmeias, basta o produtor escolher a que melhor se adequa a espécie que será cria-

da”, declara Menezes.

Com o espaço pronto, um manejo importante neste tipo de criação é a prevenção de pragas, parasitas e doenças que deixam as colmeias menos fortes e saudáveis. “O criador tem que proteger, por exemplo, das formigas, e isso faz colocando graxa nas estruturas”. Há também as moscas, praga considerada importante. “É preciso estar de olho e se detectado, limpar a colônia. Então são esses



os cuidados mais importantes que temos no dia a dia da colônia”, diz.

Colhendo o mel

Na produção do mel, as sem ferrão e suas colmeias têm seus diferenciais. Por ser mais líquido e os modelos das colmeias terem compartimentos, acabam facilitando na separação das partes. “Temos opções onde a cria fica na parte de baixo e o mel nas gavetas de cima. Além disso, é importante ressaltar que o mel que fica na parte da criação não deve ser retirado, porque serve de alimento para as abelhas”.

Outra diferença está no modo de armazenamento do mel. Enquanto as abelhas africanizadas o estocam em favos, as sem ferrão utilizam potes cilíndricos. “Uma das vantagens é que podemos perfurá-los e escorrer o mel sobre um recipiente por gravidade”, conta o pesquisador. Além disso, o produtor pode colher por instrumentos de sucção, como por exemplo, uma sim-

“DE 25 A 30% DO MEL TEM ÁGUA, O QUE FAZ COM QUE PROLIFERE MICRORGANISMOS QUE SERÃO OS RESPONSÁVEIS PELO PROCESSO DE FERMENTAÇÃO, DANDO ASSIM UM SABOR DIFERENTE PARA CADA TIPO DO ALIMENTO”, DECLARA A PÓS-DOUTORANDA NA EMBRAPA MEIO AMBIENTE, JENIFER DIAS RAMOS.



ples pipeta ou uma seringa.

Em cada lugar do Brasil a safra ocorre num período específico. A colheita do mel é realizada de uma a duas vezes por ano. “Na região Semiárida vai de janeiro a abril, na Amazônica de agosto até dezembro, e o pico na região Sudeste vai de agosto até abril – é um período mais longo, mas, mais quente na região”.

Em termos de produtividade, cada espécie traz um resultado diferente. A Jataí produz de 300 a 500 ml por ano, por exemplo. Menezes diz que é uma produção pequena, mas, que por outro lado é um mel mais valorizado. “Ele é comercializado com valor agregado de cerca de dez vezes acima do que os das abe-

lhas africanizadas”. Já outras espécies são mais produtivas. A Tiúba, localizada no Maranhão, chega a produzir em média quatro litros de mel por ano.

Custo de produção

Para se ter uma criação, o maior investimento que o produtor fará é na própria colônia. Uma de Jataí custa em torno de R\$ 200,00 a R\$ 250,00, mas, o pesquisador alerta que varia de acordo com a espécie. “A Mandacaiá, por exemplo, já é uma espécie mais valorizada, e gira em torno de R\$ 400,00 uma colmeia. Outros tipos mais raros, como a Bugia, R\$ 800,00 ou até um pouco mais”, declara Menezes.



As caixas vazias são mais em conta. Segundo Menezes, dependendo do tipo, o produtor desembolsará entre 70 e 90 reais cada. “Já a estrutura para comportar 60 colmeias custa cerca de R\$ 2.000. Vale citar que entre um e dois anos o investimento se paga, dependendo, claro, do objetivo da criação”.

Ainda em desenvolvimento, o mercado de abelhas sem ferrão tem grande potencial do ponto de vista financeiro. Já na esfera ambiental, os benefícios de sua polinização já são uma realidade. “Para se ter uma ideia, no café conseguimos elevar, em média, de 16 a 18% a produtividade. No cultivo de morango conseguimos aumentar o tamanho do fruto na casa dos 40% quando bem polinizado, além de diminuir a deformação de frutos quando temos mais abelhas no entorno da plantação”, diz o especialista.

O doce sabor do mel

Carro-chefe da produção, cada espécie de abelha produz um tipo de mel que possui características específicas, seja no gosto, textura ou coloração. “As características podem diferir em decorrência de alguns fatores, como o armazenamento em potes feitos de resina que as abelhas buscam nas plantas, por exemplo. Então quando provamos, ele terá o aroma e o paladar daquela espécie que o produziu”, explica a pós-doutoranda na Embrapa Meio Ambiente, Jenifer Dias Ramos.

Outro fator que diferencia é a quantidade de água. “De 25 a 30% do mel tem água, o que faz com que prolifere microrganismos que serão os responsáveis pelo processo de fermentação, dando assim um sabor diferente para cada tipo do alimento”.

As abelhas sem ferrão conseguem elevar, em média, de 16 a 18% a produtividade no plantio de café. Já no cultivo de morango o aumento do tamanho do fruto fica na casa dos 40% quando bem polinizado.



A close-up photograph of several onion skins, showing their characteristic layered structure and golden-brown color. The skins are slightly curved and overlapping, creating a sense of depth and texture. The lighting is soft, highlighting the natural patterns on the onion's surface.

Planejamento é a palavra chave

A escolha da cultivar ideal para a região e a adoção do manejo correto para a cultura são fundamentais para o sucesso da lavoura de cebola.

Texto: Roanna Kerbe • Fotos: Reprodução



Atualmente, com auxílio da tecnologia, as cebolas híbridas podem ser plantadas o ano todo, de norte a sul no Brasil e a escolha adequada da variedade para cada região garante a lucratividade.

“Por exemplo, se eu plantar uma variedade de dia curto, que aqui no Brasil se compreende nos meses de abril a junho onde a luminosidade é mais baixa, o que acontece? Se planto um material desse em uma época em que o dia é longo, por exemplo, em janeiro e com temperaturas elevadas, o material vai bulbificar rapidamente. Então fazer isso resultará ao insucesso, porque a colheita será de materiais menores. E ao contrário também, quando é

plantado um material de dia longo em uma janela onde o dia é curto o material só vai vegetar e não irá bulbificar enquanto ele não encontrar luminosidade e temperatura ideal”, explica Samuel Sant’Anna, Especialista em Bulbos e Raízes da Agristar do Brasil.





Com 96% de água em sua composição, a irrigação é fundamental em todas as fases de cultivo da cebola, principalmente, na fase de germinação, quando a rega deve ser feita diariamente. No decorrer do ciclo a disponibilização de água responderá ao desenvolvimento da planta, garantindo o enchimento do material e conferindo uma boa quantidade por hectare.

Como em toda cultura, os tratamentos fitossanitários disponibilizam ferramentas que controlam pragas e doenças, tornando a prevenção uma excelente estratégia. “São diversas doenças fúngicas e bacterianas que atacam a cultura. Períodos quentes e chuvosos são mais propensos às bactérias, como botrytis e míldio. O tripe, por exemplo, ataca com mais intensidade quando o período está seco, então o produtor tem que estar sempre atento em relação ao manejo. A observação é o dia a dia dele. Está pintando? Está aparecendo um inseto diferente? Pulveriza! Tem que sempre trabalhar com a prevenção”, exemplifica o especialista.

SAMUEL SANT’ANNA, ESPECIALISTA EM BULBOS E RAÍZES DA AGRICULTURA DO BRASIL: “SÃO DIVERSAS DOENÇAS FÚNGICAS E BACTERIANAS QUE ATACAM A CULTURA. PERÍODOS QUENTES E CHUVOSOS SÃO MAIS PROPENSOS ÀS BACTÉRIAS, COMO BOTRYTIS E MÍLDIO”.



Na hora de comprar a hortaliça os consumidores buscam por sabor e saúde, por isso algumas características destacam o produto e as indústrias que disponibilizam as sementes estão sempre investindo no melhoramento das variedades. Seguindo corretamente as instruções de cultivo é possível obter o retorno lucrativo planejado através da pós-colheita de qualidade.

De acordo com o especialista, a dona de casa quando chega em uma gondola de supermercado procura o material que tem a coloração de casca mais bonita e apresentável. Geralmente a preferência de consumo são as cebolas de classificação caixa 3, que possui o bulbo com 5,5 a 7,5 centímetros de diâmetro. O custo-benefício dos materiais híbri-

dos se tornam ainda mais atraivos quando a produção além de resultar em um material de aparência agradável também viabiliza o armazenamento por um tempo maior. “Em relação a pós-colheita existem materiais que tem uma durabilidade grande, se armazena de três a cinco meses. Trabalhamos com alguns híbridos hoje, principalmente na região Sul, focados nisso, que é o caso da variedade Lucinda e Buccaneer”, destaca Samuel.

Por ser feita de forma manual, a cultura da cebola gera muitos empregos, principalmente na fase de colheita, assim como em outras modalidades do cultivo como de bulbinhos, o transplante de mudas e a semeadura direta, dependendo da região.



Padronização é fundamental

Produtos uniformes e no tamanho certo são requisitos para o sucesso na produção de pepino industrial.

Texto: Roanna Kerbe • Fotos: Reprodução

Requisitado em áreas como de beleza, medicina e nutrição, o pepino apresenta importante valor econômico. Mesmo sendo apreciado por todos os cantos do Brasil, são as regiões Sul e Sudeste do país as maiores produtoras do fruto, principalmente com a finalidade industrial, que através do manejo adequado resulta em qualidade e rentabilidade.

No Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Norte de Minas Gerais estão localizadas as maiores produtoras, mas independente da localidade, como toda

cucurbitácea, o pepino prefere o calor. O fator de temperatura auxilia no desenvolvimento e garante maior produtividade, então os produtores preferem plantar em épocas mais secas e períodos de poucas chuvas.

Mesmo com os sistemas de estufas garantindo proteção ao cultivo e plantio o ano todo, no Brasil, 90% das áreas cultivadas são de campos abertos e o desenvolvimento também demonstra eficiência e exige menor custo produtivo.

Conhecer o sistema ideal e investir no solo adequado assegura resultados promissores.

“Indicamos solos de t e x -





tura mediana, não muito argilosa para não reter tanta água, que tenha profundidade, principalmente o latossolo vermelho, que tenha uma boa quantidade de matéria orgânica para também não secar demais o solo quando for plantado e ter uma vida microbiana ideal para que as raízes se desenvolvam bem. Também sugerimos que os primeiros plantios sejam em cima de áreas que foram plantios de gramínea braquiária, porque isso controla a infestação de nematoides no solo, prevenindo problemas na cultura”, ensina Murilo Magalhães, responsável pelo Desenvolvimento de Produtos Indústria na Agristar do Brasil.

Por se tratar de um vegetal rico em água, além de disponibilizar o solo adequado para o cultivo, a atenção com a irrigação é crucial. A maioria dos sistemas adotados ao cultivo de pepino em conserva são de gotejamento, esta opção confere mais economia, também podendo potencializar a nutrição da planta com a inclusão da fertirrigação ao processo.

Quanto maior o pepino, menos crocância, por isso a principal característica do produto in-

MURILO MAGALHÃES,
RESPONSÁVEL PELO
DESENVOLVIMENTO DE
PRODUTOS INDÚSTRIA
NA AGRISTAR DO
BRASIL.



dústria é a colheita precoce. Na hora de comercializar o produto alguns padrões são analisados, como: o formato cilíndrico, o tamanho e a boa quantidade de espinhos.

“Geralmente, as indústrias trabalham com o limite de 6,5 a 7,0 cm de comprimento, esse é o ideal para o processamento e o padrão do mercado brasileiro. As indústrias trabalham com uma relação chamada de “três para um”, que se refere ao comprimento e a largura. Isso é importante, porque o envase do vidro é mecanizado, se ele for comprido e fino, pode cair em pé e não comportar dentro do vidro. Já se ele for curto e grosso, ele vai encher embalagem, mas não dará o peso drenado que precisa es-

tar especificado no rótulo”, detalha Murilo.

Desenvolvidos para garantir produtividade e rusticidade, os pepinos híbridos são resistentes as principais pragas. Inspirados nestes aspectos, existe até mesmo variedade nomeada como Guerreiro.

“O nome veio a calhar, porque ele é multivírus e tem a tolerância ao míldio que hoje é uma das principais doenças no pepino. Você vê pela folha que ele é um verde mais escuro que os demais, é uma folha mais coriácea, mais dura, mais rígida. Quanto mais dura a folha, mais difícil do fungo ou bactéria inocular, então ele tem uma sanidade superior aos outros materiais”, explica o especialista.

Agrovet™ Plus

■ Sempre à frente do seu rebanho

Único, completo, rápido e eficaz.



Antimicrobiano com uma combinação certa dos antibióticos Benzilpenicilina procaina, Diodroestreptomicina, responde com máxima potência terapêutica à ampla gama de doenças infecciosas dos bovinos.

Agrovet™ Plus é o antimicrobiano mais procurado e valorizado da pecuária. Afinal, tem exclusiva qualidade e tecnologia Elanco.

Peça ao atendente da sua revenda ou cooperativa.

elanco.com.br  [elancobrasil](https://www.instagram.com/elancobrasil)

Elanco

PARA PODER ESTAR JUNTO DE QUEM FAZ O AGRO, EVOLUÍMOS TODOS OS DIAS.

Trabalhar com tecnologia e inovação é estar sempre em constante desenvolvimento. A STIHL é a marca líder em ferramentas motorizadas e isso é resultado do trabalho que fazemos para ser melhor todos os dias.

STIHL. Junto de quem faz o agro.



@STIHLBRASIL



@STIHLOFICIAL



STIHL BRASIL



STIHL BRASIL OFICIAL

STIHL.COM.BR



STIHL